

Às duas horas de ontem

# Tiros e estrondos acordam Maputo em mais uma agressão de Pretória

♦ Comando ataca quatro residências e assassina três moçambicanos indefesos

N 30/5/87

Residentes do Bairro da Polana na cidade de Maputo e zonas circunvizinhas foram sacudidos por estrondos de granadas e disparos de armas ligeiras, entre as duas horas e meia e três da madrugada, quando um comando sul-africano atacava em simultâneo quatro residên-

cias, de que resultaram três mortos e consideráveis danos materiais.

Ainda sem estarem completamente refeitos do sono bruscamente interrompido, tomados pelo medo, pânico e terror, testemunhas que residem nas proximidades das casas atacadas, declararam ao «Notícias» terem visto,

das janelas das suas moradas o com as luzes apagadas, homens e mulheres brancos e negros.

Nesta incursão criminosa, que não deixa margem de dúvidas tratar-se de um comando sul-africano, perde-se a vida um casal que residia na Avenida Mateus Sansão Muthomba, nomeadamente António Vieira Pateguana, engenheiro de som de profissão e director da Empresa Moçambicana de Entretenimento (EME), sua esposa Suzana de Sousa Pinto, doméstica e ainda João Chavane, guarda de uma das casas que constituiu alvo daquele comando.

Testemunhas asseguraram nos terem ouvido, da parte dos brancos intervenientes no assalto, uma língua que não era propriamente o inglês, havendo fortes suspeitas de tratar-se do afrikans, idioma oficial da RAS, enquanto que os negros falavam por tuguês.

Um clima de indignação pairava nas largas centenas de cidadãos nacionais e estrangeiros que acorreram aos lugares acaçados, numa investida que envolveu quatro viaturas ligeiras, posteriormente abandonadas na zona da marginal, próximo do Zambé, três das quais incendiadas.

Oficiais do nosso Exército presentes nos referidos locais, comentaram à nossa reportagem admitir a hipótese dos agentes se terem servido

tando-se a dizer que eram muitos e utilizaram três carrinhas de caixa aberta e um mini-bus. Em cada alvo esteve envolvida uma das viaturas.

Em nenhum dos casos houve cidadãos que saíssem à rua, primeiro pela rapidez com que os ataques foram efectuados, e porque os agentes utilizaram sempre holofotes de grande potência para evitar e neutralizar qualquer envolvimento estranho durante a operação.

A nossa reportagem ouviu uma residente que confirma ter acompanhado os acontecimentos que ocorriam na casa de António Pateguana, cheia de terror, e que ouviu altos gritos de desespero, pedidos de socorro do seu vizinho, o qual, uma vez violada a porta de grades do ferro da casa, acabaria sendo baleado com tiros de pistola, que atingiram também uma mulher.

Até à hora em que apareceram pessoas, uma das filhas do casal, de doze meses de vida, chorava desesperadamente, com os corpos de seus pais atirados na varanda.

Pressupondo tratar-se de sul-africanos, António Pateguana teria gritado bem alto soluços que era moçambicano, mas nem assim evitou a tragédia. Na altura, toda a casa foi remexida e alguns bens destruídos, como sejam um televisor.

brancos e negros, que na partida, disparavam para as janelas das casas circunvizinhas. Não há notícias de haver feridos.

Tanto a granada como o foguete utilizados pelos agentes na casa do cidadão tanzaniano são incontestavelmente do fabrico sul-africano, como pôde apurar a nossa reportagem através de inscrições bem patentes nalguns estilhaços, de pouco mais de vinte centímetros.

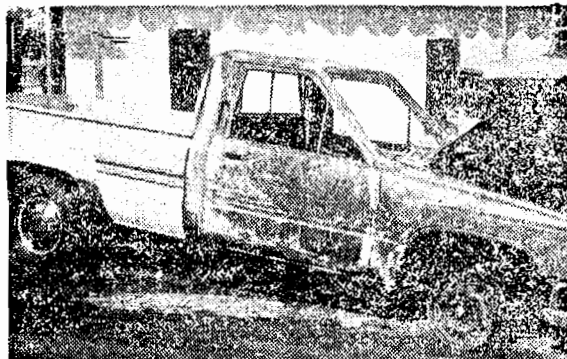
O guarda desta residência pôde assistir parte do acontecimento ocorrido na parte das traseiras da residência.

Segundo Cecília Gertrudes SIMÃO, de 13 anos, esposa de um dos moradores do armazém, de nome Armando Bante, este teria escapado ao utilizar a caveia, por onde fugiu. Entretanto, os atacantes atingiram mortalmente João Chavane com uma barra do ferro pegada depois fogo à dependência.

Até ao fim do dia, centenas de cidadãos provenientes de vários pontos de Maputo deslocaram-se a locais atingidos e não deixaram de manifestar o seu repúdio a mais este acto criminoso da autoria do regime do «apartheid».



O mini-bus utilizado pelo comando na incursão



Uma das três viaturas incendiadas pelos agentes, no final do ataque

de uma pequena embarcação para a sua infiltração no território moçambicano, o que justifica que as viaturas tenham sido finalmente abandonadas junto à marginal.

Numa das casas atacadas, situada na Avenida Julius Nyerere, escaparam à morte dois cidadãos tanzanianos nomeadamente Aly Mahfuda e Aly Amosse. Naquela local, os agentes precipitaram a sua fuga, ameaçados por um cão, mas mesmo assim lançaram uma granada na fechadura da entrada principal, sem êxito, pois a porta manteve-se fechada para posteriormente e já no abandono, dispararem um foguete que atingiu o tecto, numa região próxima das janelas dos quartos localizados no segundo piso do edifício, quebrando os vidros.

Qualquer das testemunhas contactadas pelo nosso Jornal não soube precisar o número dos atacantes. Imedi-

No local e a este propósito, a nossa reportagem ouviu cidadãos nacionais comentando aquela atitude e afirmando que ela deixa entender que os agentes procuravam qualquer tipo de documentação, muito provavelmente relacionada com o ANC em Moçambique.

João Chavane, guarda de uma residência localizada na Avenida S. Muthomba que em tempos serviu de residência para membros do ANC, o actualmente de armazém, o seu corpo foi encontrado carbonizado, incendiado que foi a dependência onde este dormia.

Os escritórios do ANC, na Rua Comandante João Belo, foram alvejados e tentativas de arrombamento das suas portas. Aqui, durante o ataque, foram observadas duas viaturas ligeiras transportando os tais homens